

O CORPO COMO TRANSFORMADOR SOCIAL - UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA QUANDO "A COISA TÁ PRETA"

*THE BODY AS A SOCIAL TRANSFORMER - A DIDACTIC
INTERVENTION FOR WHEN "THINGS ARE BLACK"*

Mayara Brandão¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Gustavo Cantisani²

CEFET-RJ

Rafael Cupello Peixoto³

Centro Universitário Celso Lisboa

Resumo: Este artigo propõe uma intervenção didática no campo das relações étnico-raciais, visando uma atuação antirracista em sala de aula através de uma análise do clipe "A coisa tá preta" de Elza Soares e MC Rebecca. A atividade tenciona a reflexão dos educandos quanto a representação dos seus corpos em âmbito social e seus desdobramentos para sua autopercepção. A proposta procurou se desenvolver com metodologias ativas de aprendizagem como meio para

Abstract: This article proposes a didactic intervention in the field of ethnic-racial relations, aiming at an anti-racist action in the classroom through an analysis of the clip "A thing is black" by Elza Soares and MC Rebecca. representation of their bodies in a social context and its consequences for their self-perception. The proposal sought to develop with active learning methodologies as a means to address an ethnic-racial education. This article suggests new means of educational approaches aimed at

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa (UCL). Mestranda em memória social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: mayara_bering@outlook.com.

² Licenciado em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa (UCL). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ. E-mail: guscantisani@gmail.com.

³ Professor Auxiliar da Escola de Formação de Professores do Centro Universitário Celso Lisboa (CUCL). Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: rafael.cupello.peixoto@gmail.com.

abordar uma educação étnico-racial. Este artigo sugere novos meios de abordagens educacionais visando a emergência pedagógica da história afrodiaspórica no Brasil, possibilitando práticas palpáveis de elaboração de aulas e conteúdos para professores comprometidos com a Lei 10.639/03.

Palavras-chave: Elza Soares e MC Rebecca, Relações étnico-raciais, corporeidade.

the pedagogical emergence of Afro-diasporic history in Brazil, enabling tangible practices in the preparation of classes and content for teachers committed to Law 10,639/03.

Keywords: Elza Soares and MC Rebecca, Ethnic-Racial Relations, corporeality.

Introdução

Este artigo é resultado de uma intervenção didática que visa desenvolver a reflexão individual e coletiva acerca da condição sócio-histórica do corpo negro após a abolição da escravatura no Brasil. Por meio da metodologia de análise do clipe "*A coisa tá preta*" de Elza Soares e MC Rebecca, a proposta de intervenção didática pretende que ao final da atividade, os educandos sejam capazes de refletirem a respeito da representação dos seus corpos, em especial o corpo negro, em âmbito social e seus desdobramentos para sua autopercepção.

Esta proposta de intervenção didática surgiu a partir da aplicação de conhecimentos adquiridos na disciplina de Estágio Supervisionado II, ministrada pelo professor Rafael Cupello Peixoto, no curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores do Centro Universitário Celso Lisboa. Ela despontou do debate de quatro alunos, Gustavo Cantisani, Fabio Brito, Karina Pires e Mayara Brandão para elaboração da avaliação final da disciplina referida anteriormente e ministrada pelo professor Rafael Cupello. A proposta procurou se desenvolver com metodologias ativas de aprendizagem como meio para abordar uma educação étnico-racial junto aos educandos. A intervenção tem início através da reflexão de como os educandos entendem seu corpo e agência socialmente, mediante a análise dos signos presente no videoclipe atuando em correlação com o conteúdo programático previsto pela BNCC, sendo ele a: competência específica n.º 5 -

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos⁴.

Tendo em vista os longos anos de escravidão em solo brasileiro findada por uma abolição negligente, que gerou desdobramentos como a marginalização e exclusão da população negra, cunhando assim ações discriminatórias e levando a negação do ato de ser negro⁵. É diante desta realidade, que o Brasil ainda demonstra uma forte aderência (ao menos no senso comum) à ideia de democracia racial⁶. Sendo assim, que se faz necessário “emprestar” as coisas, e desmitificar o imaginário social criado sobre os corpos negros.

Neste sentido, a fim de alcançarmos o objetivo proposto neste artigo, uma proposta de intervenção didática antirracista, achamos por bem realizarmos um debate a respeito do conceito de corporeidade preta; depois, explicitar as ligações do corpo preto com a espiritualidade (sagrado); a seguir, escrutinar os signos e simbolismos sobre o corpo negro expostos na narrativa do videoclipe “*A coisa tá preta*”; em sequência, descrever a metodologia ativa aplicada para a obtenção de nossa proposta e, por fim, apresentar alguns resultados obtidos a partir da aplicação da referida intervenção didática em dois ambientes distintos, um em âmbito escolar, no C. E. Professora Jeannette De Souza Coelho Mannarino, e outra em um espaço cultural, no Museu de Arte do Rio (MAR), durante a IX Jornada de Educação e Relações Étnico-Raciais.

Corporeidade preta

Na história da cultura ocidental tendemos a entender o corpo, a mente e as interações sociais como instâncias distintas, porém ao pensar sobre o conceito de

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 de dezembro 2022.

⁵ Pensamento compartilhado por autores como: ALBUQUERQUE, Wlamyra. “A vala comum da ‘raça emancipada’”: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. **Revista História Social**, n. 19, UNICAMP, 2010. p. 104-105; BRASIL, Eric. Moysés Zacharias: carnaval, cidadania e mobilizações negras no Rio de Janeiro (1900-1920). In: ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, B. (Org.). **Cultura negra: trajetórias e lutas de intelectuais negros**. Niterói: Eduff, 2018. p. 298-299.

⁶ Acreditamos que: “O mito da democracia racial funda uma consciência falsa da realidade, a partir da qual “acredita-se” que o negro não tem problemas no Brasil, já que não existem distinções raciais entre nós, e as oportunidades são iguais para todos.” BASTOS, Élide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In: D’INCAO, Maria Angela (Org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. (p. 140-150). Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987. p.148.

corporeidade, essa distinção se desfaz. Ao falar sobre corporeidade entendemos que o corpo é uma mescla de culturas, expressões, ações, pensamentos e significados assim como nos apontam Edison Gastalgo e Adriana Braga:

Aparentemente, o corpo pertence à natureza: seu metabolismo, fisiologia, ergonomia, biomecânica etc., são similares a de muitos animais. Essa divisão dualista entre corpo e alma (corpo/natureza x alma/cultura) constitui o Ocidente desde a Antiguidade e obscurece o quanto o corpo humano (qualquer corpo humano) é resultado de relações sociais e apropriações culturais. Cada corpo é também constituído por discursos (adjetivos, elogios, valorização/recusa de certas partes) e por saberes diversos (tradição, medicina, bioquímica, etologia, antropologia, feminismo etc.) e expressa a resultante complexa de muitas componentes sociais.⁷

Sendo assim, nosso corpo é constituído de forma complexa por um emaranhado de conexões, o que nos permite deixar de distinguir o corpo como uma dicotomia motora e mental. Com isso, nota-se a necessidade de entender a corporeidade também em seu caráter comunicativo, já que o corpo carrega culturas, discursos e saberes, podemos entender que o corpo é também histórico, pois tem presente nele traços construídos socialmente em um tempo e espaço distinto, ou seja, ser negro não tem a mesma conotação em todos os lugares e tempos históricos, assim como simbologias culturais expressadas também são vistas de diferentes formas conforme o tempo e espaço; tal como apresentado por Maria Augusta Salin Gonçalves:

A forma de o homem lidar com sua corporalidade, os regulamentos e o controle do comportamento corporal não são universais e constantes, mas, sim, uma construção social, resultante de um processo histórico. O homem vive em um determinado contexto social com o qual interage de forma dinâmica, pois, ao mesmo tempo em que atua na realidade, modificando-a, esta atua sobre ele, influenciando e, até podemos dizer, direcionando suas formas de pensar, sentir e agir. Assim, as concepções que o homem desenvolve a respeito de sua corporalidade e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais. A cultura imprime suas marcas no indivíduo, ditando normas e fixando ideais nas dimensões intelectual, afetiva, moral e física, ideais esses que indicam à Educação o que deve ser alcançado no processo de socialização. O corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela,

⁷ GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 875-893, dez. 2011. p. 875-876.

assim, não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade.⁸

Isto posto, conseguimos entender que o corpo carrega uma história, que por muitas vezes é motivo de orgulho, contudo nem sempre a premissa é verdadeira na prática. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão nas Américas e o peso que isso traz em corpos negros é enorme; anos de eugenia, branqueamento e racismo cravaram marcas que por muitas vezes tentam ser escondidas⁹.

Simone de Beauvoir afirma que não se nasce mulher, torna-se mulher¹⁰. Lélia Gonzalez, filósofa negra brasileira, parafraseando esta afirmação diz, "a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc..., mas tornar-se negra é uma conquista"¹¹. Deste modo entende-se que o corpo é parte de uma construção social que não só carrega uma história como também comunica. Isto fica claro ao observamos a apresentação "*A mulata que nunca chegou*" de Nátaly Neri, na TEDx de São Paulo de 2017¹², quando ela nos apresenta a expectativa de se tornar "mulata" e a frustração por "não alcançar" a "categoria". Neri nos diz que quando criança ela se sentia feia por não se encaixar nos padrões de beleza de sua época, construído em geral por brancos. Contudo, havia uma expectativa que a beleza viria na adolescência, ao envelhecer e se tornar uma "mulata", que ela entendia como sinônimo de uma mulher preta cobiçada, que teria curvas, seria sedutora e saberia sambar¹³. Isto é um exemplo de como o corpo pode ser uma construção social e histórica. O que acontece é que o *racismo estrutural*¹⁴ impõe como uma das poucas possibilidades as

⁸ GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2005. p.13.

⁹ Nossa ideia ressoa com a apresentada por Sueli Carneiro quando ela escreve que "[...] Vem dos tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano; acreditava-se que todo negro de pele escura deveria perseguir diferentes mecanismos de embranquecimento. Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude: um tom de pele mais claro, cabelos mais lisos ou um par de olhos verdes herdados de um ancestral europeu são o suficiente para fazer alguém que descenda de negros se sentir pardo ou branco, ou ser "promovido" socialmente a essas categorias. E o acordo tácito é que todos façam de conta que acreditam". Cf. CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. p.64.

¹⁰ BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo Vol 2: A Experiência Vivida**, Difusão Européia do Livro, 1967. p.9.

¹¹ GONZALEZ, Lélia. "A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social". **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, nov./dez. 1988. p.2.

¹² Vídeo do Canal TEDxTalks. NERI, Nátaly. "**A mulata que nunca chegou**". TEDxSaoPauloSalon. 2017. (11m39s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw&t=185s>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2021.

¹³ *Ibidem*

¹⁴ Para Silvio Almeida, o racismo estrutural é fruto de uma construção social, na qual as estruturas dessa construção são fundamentadas pelo racismo. Sendo assim, o racismo perpassa tanto o aspecto individual como

mulheres pretas: ser a mulata exportação, ou a serviçal invisível, as “mulatas” ou não se aceitam ou se submetem a objetificação. Entretanto, a “mulata” que Neri sempre esperou nunca chegou e com isso os desdobramentos dessa espera se tornaram obstáculos emocionais em sua vida social. Como consequência, Neri vê-se diante da asfixia social que a filósofa Sueli Carneiro narra; o sexismo e o racismo produzem sobre as mulheres negras sequelas emocionais e danos severos à saúde mental, rebaixando assim a autoestima, indicando uma perspectiva de vida de cinco anos a menos em relação às mulheres brancas.¹⁵

Cabelos, bocas, narizes, roupas são alguns exemplos de histórias que nosso corpo conta, entretanto, se foi ensinado a negros que essa história não é motivo de orgulho, a tendência é que estes procurem se branquear, para que sejam aceitos, assim como afirmou Frantz Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas*. Para Fanon, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir¹⁶. Essa nova possibilidade de existir passa pela aceitação de sua *negritude*¹⁷ que por tanto tempo foi rechaçada. Resgatando o orgulho da história que o corpo negro carrega e expressa em si pelo simples ato de ser.

O corpo, do Àiyé ao Òrun

Para entendermos a formação de um corpo negro é necessário entender sua ligação com o sagrado. Claramente como abordado anteriormente, não se trata do corpo biológico e, sim, de toda a ambientação cultural advinda das heranças africanas e, principalmente, dos elementos religiosos africanos e diaspóricos que constroem este corpo negro.

Não se pretende adentrar a fundo numa discussão sobre religiosidades africanas. Entretanto, é de suma importância para nossa análise entender como essa

institucional, sendo constantemente recriado e reproduzido. Cf. ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

¹⁵ CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. p.127.

¹⁶ FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008. p.95.

¹⁷ Entendemos *negritude* tal como Aimé Césaire, na qual *negritude* é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura. Podendo ser entendido por três palavras: *Identidade*, que configura ser negro com orgulho; *Fidelidade* que consiste em ter alguma ligação com a África, a terra-mãe; *Solidariedade* que se define pela ligação de todos os negros ao redor do mundo e o sentimento de ajudar a preservação de uma identidade comum. Cf. MUNANGA, Kabengelê. **Negritude: usos e sentidos**. 3ªed. – 1a. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 47. Para um debate mais aprofundado sobre o tema ler: *ibidem*.

religiosidade se comunica com o corpo. As religiões afrodiáspóricas, diferente das religiões de livro (cristianismo, islamismo, judaísmo), não contém uma base fixa de mitos e ritos. Sendo assim, estas variam de locais, determinações e tradições diferentes, não existindo uma padronização de culto. Contudo, entendemos que compartilham uma cosmovisão¹⁸ semelhante.

Para o povo de axé¹⁹, o corpo é em primeira instância o meio de interlocução com o sagrado - como afirmou o historiador Luiz Antônio Simas, em sua palestra concedida a instituição Casa Comum²⁰- e difere da lógica judaico-cristã que nos permeia – no qual o corpo é fonte do pecado. As culturas afro-ameríndias trabalham o corpo como fonte potencial de contato com os deuses: “A valorização do corpo como elemento primordial para a conexão com a ancestralidade sacralizada é uma constante nas memórias exercitadas entre os povos de religiões de matriz afro-diaspórica”.²¹

A interação do corpo e do religioso é evidenciada durante as práticas rituais, sejam por meio das danças, do cantar, das coreografias ou no entoar dos gritos. Existe um *Itan* (mito africano), que exemplifica bem a relação entre corpo e os deuses:

Conta-se que no princípio da era humana, não havia separação dos espaços de existência dos orixás e dos humanos, sendo que estes tinham livre acesso ao *Òrun* – a morada dos orixás, que fazia limites com *Àiyé* – a terra, ou a morada dos humanos. Essa coexistência foi harmoniosa, e preenchida com muitas confraternizações, até que um dia um humano chegou até o *Òrun* tocando os elementos desse ambiente com as mãos sujas. O espaço do *Òrun*, representado pela cor branca que representa os orixás *Funfun* ficou tocado pelas impurezas humanas. Oxalá reclamou com Olorun, criador do mundo, que prontamente atendeu às reclamações, separando os espaços do *Òrun* e o *Àiyé*. Com a divisão entre os dois mundos tanto humanos quanto os

¹⁸ Segundo Oyèwùmí o termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. OYÈWÙMÍ, O. “Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects”. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. p.391.

¹⁹ Optamos por usar o termo povo de axé para definir todos os grupos que praticam uma religião de matriz africana, sendo o axé palavra usada para descrever a energia sagrada, que traz vida e mantém humanos e Orixás em constante comunicação e harmonia. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. “Reflexões sobre corpo e musicalidade nas experiências da religiosidade afro-brasileira”. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XI, n. 31, p. 43-64 - ISSN 1983-2850, Maringá, mai - ago 2018. p.47.

²⁰ Vídeo do Canal Casa Comum. SIMAS, Luiz Antônio. **Conversa com Luiz Antônio Simas sobre o bairro do Estácio na Casa Comum**. 2016. (1h20m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RgOW27phAas&t=2315s>>. Acesso em: 28 de março de 2021

²¹ CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo, op.cit, p.43.

orixás perderam a vontade de confraternizar e festejar a existência como outrora. Assim, após perceber as reclamações dos humanos e dos orixás, Olorun consentiu que de vez em quando os orixás pudessem visitar os humanos, que os receberiam através de seus próprios corpos. Assim, os humanos evocavam sua ancestralidade através de oferendas e música ritual, através de atabaques, *xiquerês* e *adjás*. Os orixás então tomavam o corpo dos humanos, para poder dançar junto com eles, na roda do *xiré*. Assim teria surgido as mais diversas manifestações da religiosidade afro-diaspórica, como o candomblé e o batuque.²²

Sendo assim, é possível ver que o corpo estabelece centralidade nas cosmovisões afrodiaspóricas. Não é possível pensar religião sem pensar corpo e não é possível pensar o corpo negro sem pensar a religião, pois é através deste que se estabelece o contato com os deuses, com os ancestrais, com encantados e entidades diversas por meio do transe. O corpo mantém a memória ancestral contendo em si "divindades, ancestrais e até mesmo integrantes da comunidade - que divide experiências pautadas em costumes, tradições, artes e ofícios"²³. Não se deve entender, porém que as relações entre a corporeidade e o sagrado se restringem em interações puramente corpóreas, como o transe ou os rituais que acessam o corpo biológico, mas também nas formas que estes corpos se expressam.

Escurecendo as coisas: um escrutínio do videoclipe "A coisa tá preta"

Na busca por conectar o debate sobre a corporeidade preta, discutida nos tópicos anteriores, realizando uma passagem do saber científico para o saber escolar no auxílio do destrinchamento dos limites e possibilidades do jovem negro no âmbito sociopolítico e das relações socioculturais brasileiras, optamos pelo videoclipe da música "*A coisa tá preta*" - letra composta por Jefferson Junior e Umberto Tavares -, interpretada pelas artistas Elza Soares e MC Rebecca²⁴, como

²² *ibidem*. p.44-45.

²³ *ibidem*. p.48.

²⁴ O clipe é fruto do Projeto audiovisual lançado em 27.11.2020, na plataforma Youtube. Produção do historiador Jonathan Raymundo e composição de Jefferson Junior e Umberto Tavares. A colaboração com as cantoras busca ressignificar adjetivos que vinculam a negritude a negatividade da sintaxe da língua portuguesa através dos processos históricos de discriminação racial. Sendo interpretado pelas cantoras MC Rebecca e Elza Soares. MC Rebecca nasceu em 5 de junho de 1998. Ela iniciou sua trajetória artística como passista na Escola de Samba Unidos do Salgueiro. Tornou-se reconhecida como cantora no cenário musical do funk carioca a partir de 2019, expondo assuntos considerados vulgares socialmente, que inicialmente eram extremamente vinculados entre pretos e pobres no subúrbio, contudo, mais tarde suas músicas alcançaram uma visibilidade maior na sociedade como um todo. Elza Soares, artista eleita Cantora Brasileira do Milênio pela BBC de Londres, nasceu em 1930 na comunidade de Moça Bonita, no bairro de Padre Miguel, no Rio de Janeiro. Elza iniciou sua carreira em um

instrumento pedagógico para aplicar os signos e simbolismos sobre o corpo negro, expostos na narrativa do audiovisual e, assim, promover a reflexão sobre os educandos quanto a representação dos seus corpos em âmbito social e os desdobramentos desta representação em suas experiências de vida.

Neste ponto do artigo, apresentaremos o videoclipe escrutinando os símbolos e signos expostos na narrativa da obra. A canção inicia com MC Rebecca proferindo a frase: “Quem não sabe de onde veio, não sabe pra onde vai” indicando o conceito africano de Sankofa (san – voltar, retornar; ko – ir; fa – olhar, buscar e pegar). O conceito parte da compreensão de um provérbio dos povos da África Ocidental de língua Akan. O provérbio é a concepção de que é necessário conhecer o passado para ressignificar o presente e apenas assim construir um futuro. Partindo desta intenção, Rebecca estrutura o videoclipe visando a demonstração histórico-cultural da jornada dos corpos negros no âmbito social. Na cena seguinte, Rebecca canta: “Desde pequena eu aprendi o que cai do céu é chuva / Se quiser ganhar, meu bem, tem que ter luta”, apontando o histórico de meritocracia do nosso país, isto é, a necessidade de lutar constantemente, não apenas por ascensão financeira, mas por legitimação de direitos civis, ou ao simples respeito em conversas cotidianas.

A capoeira é uma tradição brasileira envolta por uma luta “dançada”, e para os corpos negros e diaspóricos o dançar é algo sagrado. É por meio dos ritmos que parte da comunicação com o sagrado é estabelecida, tornando os rituais religiosos momentos musicais e dançantes, no qual se pode dizer que entendemos o Orixá por uma sincronia estabelecida entre dança, ritmo e cores²⁵. O corpo se expressa pela dança, dialogando com os ritmos e os adornos que o envolve, tornando possível o alcance do ápice da convivência entre humanos e ancestrais/divindades, o transe²⁶. Sendo assim, o que se entende como corporeidade é algo sagrado para a cultura afrodiaspóricas, a ponto que até a luta se é dançada por intermédio de diversos toques²⁷ que ditam os ritmos e golpes ou mais, tal qual o toque de Cavalaria ou

programa de calouros e ganhou notoriedade por sua potência vocal, além de pautar temas raciais e sociais nas suas produções.

²⁵ ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; DUPRET, Leila. “Entre Atabaques, Sambas e Orixás”. **Revista Brasileira de Estudos da Canção** - ISSN 2238-1198, v. v.1, ed. n.1, p. 52-63, Natal, 2012. p.56.

²⁶ CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo, op.cit, p.47.

²⁷ Existe uma variação catalogada por Waldeloir Rego de até dezoito toques da capoeira, mantendo um número mínimo de cinco principais toques, sendo eles: São Bento Grande, São Bento Pequeno, Cavalaria, Luna e Benguela. REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968. p.64.

lúna.²⁸ Considerando isso, o clipe remete ao histórico de Rebecca com a dança, já que iniciou sua carreira como passista da Escola de Samba Unidos do Salgueiro.

Por este motivo a mesma versa: “Natural do Rio de Janeiro / Onde preto favelado é destaque só no mês de fevereiro”, referenciando ao período de carnaval, na qual a cultura negra ganha o status de cultura nacional, entretanto já foi – e em certa medida ainda é – marginalizado e ridicularizado, assim como o funk, principal gênero musical da carreira de Rebecca. Sendo assim, a inexistência de políticas públicas de acolhimento que asseguram a integração e proteção social, demonstram que exclusão e marginalização da população negra é uma prática antiga, que se perpetua em diversos meios e âmbitos. Agora muito pungente por meio das redes sociais, de curtidas e seguidores nas redes, os meios das práticas mudam, mas a estrutura opressora é a mesma como afirma Muniz Sodré: “A persistência da forma social escravista consiste principalmente na reinterpretação social e afetiva da ‘saudade do escravo’”²⁹. Em mesma escala, a capoeira se tornou alvo de perseguição após o período pós-abolicionista, ou seja, a criminalização dos rituais, culturas e festejos negros passaram por lei a ser características de um cidadão criminoso. A vadiagem é portanto uma ferramenta de cercear as expressões culturais dos negros, regulando o lazer, tradições, artes e religião, visando moldar o corpo negro a partir do poder que o cerca, construindo valores a partir do que se julga “bom” e desconstruindo fundamentos que se julgam “maus”; tendo em vista que é necessário dominar os corpos para que não ocorram desalinhos, insubordinação e rebeldia, para tal a disciplina é necessária na fabricação de como afirma Michel Foucault, corpos “dóceis”³⁰.

A corda branca representa o grau de mestre na capoeira, ao passar a corda branca para Rebecca, Elza simboliza Deusa Maat³¹ entregando a habilidade de lutar para o negro (Figura 1). Para além disso também pode ser compreendido como a

²⁸ O toque era usado para denunciar a presença do Esquadrão de Cavalaria, que atuava contra os candomblés e os capoeiras. O toque de lúna demarca os níveis hierárquicos da capoeira, permitindo que apenas mestres ou docentes entrem na roda, costuma-se usar golpes mais elásticos e não se permite o toque entre jogadores, tornando a dança muito técnica. *ibidem*.

²⁹ SODRÉ, Muniz. **Uma lógica perversa de lugar**. ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018.p.14.

³⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002. p.119.

³¹ Maat é uma deusa que representa um conjunto de princípios morais e éticos que orientavam a vida cotidiana no Egito antigo, estes princípios podem ser traduzidos por expressões como ordem, justiça, equilíbrio e harmonia. LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias Africanas: Uma introdução**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p.54).

permissão de Elza para Rebecca poder contar a sua história e prosseguir com seu legado.

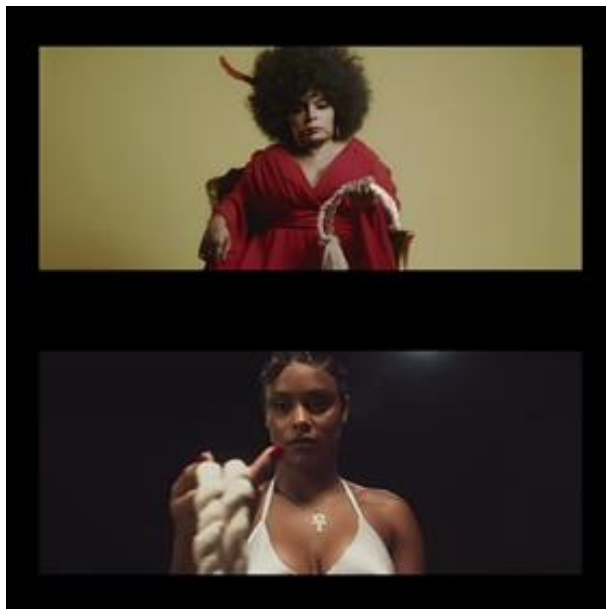


Figura 1. O Passar da Corda - frames 0:21 - 0:26 seg. do videoclipe "A coisa tá preta"

O videoclipe tem o intuito de narrar a história do negro no Rio de Janeiro, fazendo um paralelo entre os estereótipos criados entre o Samba e o Funk, gêneros musicais dominantes na cultura carioca. Como dito anteriormente, o dançar assume uma perspectiva ritualística sagrada para as culturas afrodiaspóricas, e o samba nasce dessa influência. O tambor – Ngoma como é chamado nos cultos angola-congoleses – é por si só uma divindade, que é saudada antes das cerimônias, o Itan referente ao surgimento de Ngoma³² nos dá uma perspectiva de sua importância para a cosmovisão das religiões afrodiaspóricas, já que foi Ngoma que trouxe a alegria e permitiu que a criação continuasse. Assim, Rebeca se torna a representação de Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Rebecca está em um pedestal (Figura 2) - assim como a estátua de Mercedes localizada na região conhecida como Pequena África -, e ao fundo aparecem grandes personalidades femininas do samba, ou como costume popular as chamam "Matriarcas do Samba". Tia Ciata, Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus e Dona

³² O mito foi musicado por Marcelo D2 e Luiz Antônio Simas através de uma entrevista concedida pelo historiador e foi repostado pela fundação L'association Oyà pour l'Art et la Culture Afro-diasporique. MARCELO D2 & CRIOLO. **Tambor, O Senhor Da Alegria**. Rio de Janeiro: Pupila Dilatada: 2020.

Ivone Lara estão “coroadas” nas imagens em representação a “Realeza” do samba, demonstrando, portanto, a grande influência e liderança dessas mulheres no âmbito do samba, ritmo que contém diversos princípios dos rituais presentes nas religiões de matrizes africanas, tal como vimos anteriormente na presença dos tambores (Ngoma) e das danças, mas também como um símbolo de resistência. Um dos pontos fundamentais para entendermos o samba é a síncope, pois está presente em todo batuque afrodiaspórico; ela se apresenta no espaço entre o tempo e contratempo, e o samba é o som que se produz nesta fresta que é a síncope; são os diversos batuques emaranhados entre o tempo e contratempo. Tanto no jazz quanto no samba a síncope se mostra diferenciada, pois estimula o ouvinte a preencher o tempo vazio, com danças, palmas, respostas e muito mais³³. Ou seja, a síncope é o que se cria nas frestas, algo que simboliza bem uma cultura de resistência como a cultura negra; o que se faz no que era para ser um vazio, segundo Muniz Sodré: “O corpo exigido pela síncope do samba é aquele mesmo que a escravatura procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo negro.”³⁴.

Porém, o samba não se restringe somente a um estilo musical ou forma de resistência, ele também era e é um meio de sociabilidade. Por intermédio do samba é ensinando como se vive e morre, como comer, amar, odiar, se vestir e muito mais. É onde se transmite filosofia, que não se difere da arte. Na diáspora negra, a música consistiu em linguagem performática e o meio pelo qual se expressaram ideias³⁵. Sendo assim, o símbolo das Matriarcas do Samba toma uma nova configuração ao levar tudo isso em consideração, indo muito além de representantes de um estilo musical dessas mulheres neste âmbito. Durante a cena, Rebecca canta: “Eu tive que rebolar pra não cair no esquema/ /E rebolando eu aprendi a bagunçar o sistema / A pretinha sem vergonha, funkeira, maluca / É vizinha do playboy lá na Barra da Tijuca”.

³³ SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. MAUAD, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1998. p.11.

³⁴ *ibidem*. p.11.

³⁵ AZEVEDO, Amailton Magno. “Samba: um ritmo negro de resistência”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, p. 44-58, Brasil. ago 2018. p.45.



Figura 2: Rebecca e as “matriarcas do samba” - frame 0:47 do videoclipe “A coisa tá preta”

Colocando-se como “pretinha sem vergonha, funkeira, maluca”, Rebecca levanta estereótipos que são utilizados discursivamente de forma pejorativa ao incapacitar a capacidade intelectual de mulheres negras e funkeiras, mas ao final a cantora expõe seu atual local de moradia, a Barra da Tijuca, bairro que concentra muitos condomínios de luxo da capital carioca. Sendo assim, Rebecca informa em seu discurso que estereótipos não a impediram de ascender financeiramente, porque “rebolando” aprendeu a “bagunçar o sistema”. Isto significa que há um local social estruturado no racismo e sexismo para pessoas negras no Brasil, porém Rebecca, Elza e outros milhares de negros permanecem lutando e se emancipando das amarras sociais.

Oxum é uma divindade de matriz africana que carrega consigo um espelho, o objeto tem em si uma das maiores características de Oxum: o autoconhecimento. Elza no videoclipe ao encarnar Oxum entrega seu espelho a Morena (filha de Rebecca), representando toda uma nova geração de jovens negros (Figura 3). Portanto, Oxum entrega a habilidade do autoconhecimento para a nova geração a que descendem. É necessário que estes símbolos sejam entendidos não só como uma associação puramente religiosa, mas também cultural, pois os signos que advém das religiões de matriz africana não se encerram no campo religioso, sendo também parte da manifestação cultural negra, tendo ou não um vínculo religioso estabelecido.



Figura 3: O autoconhecimento por meio da ancestralidade - frame 2:55 do videoclipe "A coisa tá preta"

Em seguida, ao olhar para o espelho, Morena não enxerga seu reflexo, a visão é de todas as mulheres que integram o videoclipe, incluindo um espectro de Elza (Figura 4). A simbologia de Elza como uma aparição divina remete mais uma vez a assimilação de Elza a deusas, além da simbolização da ancestralidade. O vínculo entre passado e presente novamente é estruturado para o entendimento da importância de Sankofa, passando a ideia de que o conhecimento ancestral é força para as lutas de descendentes, ou seja, o conhecimento sobre a cultura negra é um transformador social e libertador de amarras sociais. É o que Elza e Rebecca entoam no refrão da canção: "Por que a fome é negra / Se negra é a beleza? / Se todo mundo canta e 'tá feliz / É que a coisa 'tá preta".



Figura 4: A visão de Morena no espelho - frame 3:30 do videoclipe "A coisa tá preta"

"A coisa tá preta": o uso de metodologia ativa no desenvolvimento do debate sobre a corporeidade preta

Após os debates conceituais sobre a corporeidade preta, bem como o escrutínio realizado sobre o videoclipe "A coisa tá preta", tenciona-se realizar uma conexão de saberes sobre o tema fazendo uso do referido audiovisual como instrumento pedagógico para que os educandos desenvolvam uma visão crítica e analítica sobre a corporeidade preta. Além disso, buscamos que o educando exposto a intervenção pedagógica a ser descrita, entenda o material de audiovisual como uma fonte histórica, aproveitando dele todos os pontos possíveis para reflexão.

Sendo assim, a aula se assemelha a um estudo de caso, uma metodologia ativa, na qual o professor apresenta uma situação real e pede que os discentes resolvam o caso, para que assim o estudante se aproxime do conhecimento prático, além do teórico. Com a análise do videoclipe é possível apresentar como se exerce o ofício do historiador; por intermédio da análise de fontes, apontando como é possível usufruir das informações que o audiovisual nos passa e que reflexões nascem a partir dele.

A proposta de intervenção didática é seguir os pensamentos do educador e patrono da educação brasileira Paulo Freire³⁶ ao trazer o discente para o centro da reflexão, tornando-o sujeito ativo de seu aprendizado e permitindo a leitura do mundo que o cerca e como este o enxerga por meio da produção de um mapa mental, no qual ele irá questionar a construção do seu corpo socialmente. Sendo assim, o discente irá refletir sobre sua corporeidade e as problematizações em torno disso, e, como os signos que o corpo carrega podem ser encarados como “bom” ou “ruim”, dependendo do ponto de vista que se aprende a olhar ao longo da vida.

O exercício consiste na confecção de um mapa mental, no qual o estudante irá desenhar a si mesmo em uma folha. A partir desse autorretrato as questões irão se apresentar em três eixos (podendo abrir margem para mais perguntas conforme a mediação do professor) simbolizados por cabeça, coração e pele, no qual as perguntas correspondem a: *Cabeça* - Como você almeja seu futuro? *Coração* - Como você se identifica? (A questão neste tópico é identificar como o discente se enxerga) *Pele* - Como a sociedade enxerga a condição social do seu corpo? -

Essas são as perguntas a serem feitas por meio do exercício proposto. Essas perguntas têm um caráter reflexivo profundo, porém que devem ser enfrentadas o quanto antes pois entende-se que a análise proposta nos oferece diversas possibilidades para engrandecer o entendimento da negritude em sala de aula, possibilitando também a reflexão individual de cada estudante a respeito de como este exerce sua corporeidade.

A análise do videoclipe nos ajuda a entender como se expressar vai muito além do que dizemos e fazemos, pois carregamos significados em símbolos, danças, práticas, estilos e mais. Ao pensar que muitos dos símbolos ou práticas apresentados no audiovisual em questão são e foram malvistas por nossa sociedade a ponto de alguns serem até proibidos, deve-se questionar de como o ato de ser negro é projetado a marginalidade e a possibilidade de sair dessa condição é embranquecendo, negando as suas raízes africanas e diaspóricas, que por diversas vezes foram ocultadas ou desvalorizadas.

³⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia e autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.

Tendo isso em vista é importante que os educandos tenham noção de sua corporeidade, não como conceito, mas como prática. O que seus corpos, roupas, cabelos, adereços, danças, músicas e hábitos manifestam? Independentemente de sua raça ou etnia, como eles manifestam sua corporeidade? Como eles veem sua cor e como eles acham que os outros veem sua cor? As discussões são profundas e sensíveis, porém não devem levantar o receio que sejam feitas em sala de aula, pois quanto mais postergadas essas questões, mais nossa sociedade se prende ao passado ao falar de relações étnico raciais³⁷.

Portanto, o uso das metodologias ativas aproxima o conteúdo analisado no vídeo, com a reflexão proposta no mapa mental, desenvolvendo a autonomia, o espírito crítico e a cidadania nos estudantes como proposto por Marina Garcia de Oliveira³⁸. Com isso, através da organização da população negra entre seus conhecimentos como filosofia, sociologia, arte e outros tantos meios o "*empretecimento*"³⁹ dos saberes quebrará os grilhões que podem surgir na vida da

³⁷ Marina de Mello e Souza, em artigo do início da década passada, já apontava alguns problemas na implantação do estudo de temas africanos e afro-brasileiros em escolas públicas brasileiras, especialmente, à resistência, e mesmo oposição aberta, dos adeptos de religiões evangélicas quanto ao ensino de cultura afro-brasileira. Naquela oportunidade, a autora indicava algumas estratégias a fim de vencer esses preconceitos e reforçava a importância de que esses contratempos não podiam ser limitadores da prática pedagógica, nem muito menos servir de impeditivo para a implementação do ensino de história da África nos diferentes níveis educacionais do país. Para maiores informações sobre as impressões da autora em questão cf. MELLO E SOUZA, Marina de. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. In: **Revista História. Hoje**, v. 1, nº 1, p. 17-28 - 2012

³⁸ OLIVEIRA, Marina Garcia de. Metodologias Ativas no Ensino de História: um Caminho para o Desenvolvimento da Consciência Crítica. In: SILVA, Andreza Regina Lopes da; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (org.). **Metodologia ativa na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. p.74.

³⁹ No Brasil, os alicerces de nosso conhecimento acadêmico foram por muito tempo eurocentrados. E isso gerou um epistemicídio onde se negavam diversos saberes vistos como não acadêmicos que eram/são preservados por povos pretos até hoje. Sueli Carneiro em sua tese de doutorado descreve este processo: "Na sua adaptação às particularidades da sociedade brasileira, o epistemicídio terá sua primeira expressão, enquanto tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de ideias empreendido pela Igreja Católica durante o vasto período da história do Brasil com desdobramentos específicos sobre a população negra. Com a abolição da escravidão e emergência da República, influxos do racismo científico serão percebidos em pensadores nacionais, aportando novas características aos processos epistemicidas sobre as populações negras. Entram em cena os procedimentos de contenção, exclusão, assimilação na relação dos negros com os processos educacionais frente à sua nova condição de liberto indesejável como cidadão." Desta forma ainda segundo a autora: "[O] colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos. De vinculação e subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental." Sendo assim, entendemos que o ato de empretecer os saberes é um operador metodológico que nos permite enfrentar esse epistemicídio apresentado por Sueli. A ideia de empretecer os saberes nasce fora das academias, e recentemente teve grande destaque ao ser cantada em um dos maiores palcos do mundo. A escola Beija-flor de Nilópolis trouxe para o Sambódromo da Marquês de Sapucaí o enredo "Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-flor". O samba de autoria coletiva se descreve em sua sinopse como "Em memórias transmitidas de geração a geração, somos sujeitos de poder, guiados pelos ancestrais. Produzimos jeitos diversos de pensar o sentido de um mundo plural, mesmo que máscaras brancas sejam colocadas sobre a pele negra. [...] A voz da intelectualidade ativa e forte se ergue contra as desigualdades, propondo novos caminhos para transformar a realidade em que vivemos. [...] A escrita de nós sobre nós faz emergir uma literatura que não se limita à entronização de heróis coloniais." Sendo assim, mesmo em tom

população negra, bem como instituir uma transvalorização cultural⁴⁰. Por estas considerações miramos no desafio de combater o *racismo estrutural*, este que encontrava a sua manutenção em um currículo excludente das faces étnicas-raciais nos processos históricos do Brasil. É entendendo como funcionam os mecanismos sociais que permeiam os corpos e suas interações, que se pode construir como indica Michel Foucault uma arqueologia das Ciências Humanas⁴¹. Acredita-se que a intervenção possibilitará a problematização de tais questões, bem como, os estudantes irão compreender e localizar esse conceito dentro do currículo e nas questões cotidianas.

Resultados preliminares de uma educação antirracista sobre os corpos negros

A intervenção pedagógica descrita no tópico anterior foi experimentada em duas áreas distintas, sendo uma delas o ambiente escolar por intermédio de uma aula expositiva associada aos recursos de metodologia ativa anteriormente mencionados com alunos do Ensino Médio do C. E. Professora Jeannette De Souza Coelho Mannarino, situada no centro de Campo Grande. Já a outra intervenção se deu em um espaço pluricultural; o Museu de Arte do Rio (MAR), durante a IX Jornada de Educação e Relações Étnico Raciais; evento que tinha por objetivo realizar um debate sobre as possibilidades de educação antirracista. Uma última exposição da proposta se deu na XI Semana de Educação da UNIRIO, onde apresentamos a proposta como uma comunicação científica.

No C.E Professora Jeannette De Souza Coelho Mannarino foram ministradas cinco aulas sobre o tema. O colégio acolhe grande parte da demanda escolar de Campo Grande e adjacências, chegando a ter 23 turmas apenas de terceiro ano, somando todos os turnos. Há poucos anos havia escassez de oferta do Ensino Médio na região, o que tornou o local um polo educativo e social para a comunidade, onde são realizados eventos, competições e é ofertado o pré-vestibular social da

poético a sinopse nos apresenta o que seria empretecer os pensamentos, ou seja, não se trata de descartar a construção de saberes ocidentais, mas sim levar em consideração uma série de saberes que foram subvalorizados, desacreditados, marginalizados e delegados ao esquecimento. CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 101-102. SANTIGADO, Ric. **Sinopse do Enredo da Beija-flor 2022: "Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor"**. Disponível em: <<https://sinopsedosamba.com.br/sinopse-do-enredo-da-beija-flor-2022/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁴⁰ HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.221.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p.242.

CEDERJ. Localizada na rua Olinda Elis, em Campo Grande, bairro mais populoso do Brasil, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, atravessado pela linha do trem, soma 336.484 habitantes, segundo o Estadão⁴². Conseqüentemente, um bairro em crescente movimentação imobiliária, contando com amplo polo industrial e comercial. Entretanto, sem grande desenvolvimento no campo cultural, tendo apenas um teatro municipal e a Lona Cultural Elza Osborne. A tradição cultural do bairro tem se instituído por coletivos e famílias que promovem feiras de artesanato, gastronômicas e atividades educativas para a comunidade. Contendo a apresentação e análise do clipe, dispusemos de, em média, um tempo de duração (50 minutos), sendo seguido pela atividade em sala, na qual ajudamos os alunos a construir suas respostas, com também um tempo gasto. Os tempos de aula e a oportunidade foram cedidas pelo professor André Reni Pereira Hurtado⁴³ que atua na escola e nossa experiência foi muito enriquecedora.

Durante a realização de nossa proposta foi possível observar as ambições e perspectivas que cada aluno apresentava, auxiliando na construção de um caminho que para alguns estava sendo pensado ali pela primeira vez. Lidar com o futuro é algo difícil para todos, principalmente para jovens pretos e periféricos que vivem em um país que a cada 23 minutos morre um jovem negro.⁴⁴ Auxiliar na construção desse trajeto foi muito especial, pois passar para o papel e planejar o futuro, mesmo que brevemente, é uma forma de transpor as muralhas sociais que são construídas ao nosso redor.

Nossa atividade propõe também que os alunos se olhem por meio do espelho de Oxum e que com isso possam refletir sobre si mesmos, sobre quem são, auxiliando na construção de sua própria identidade.⁴⁵ Sendo assim, nossa proposta

⁴² Informação retirada de uma matéria publicada no Estadão chamada "**Conheça os 10 bairros mais populosos da capital paulista**". <<https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/conheca-os-10-bairros-mais-populosos-da-capital-paulista/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

⁴³ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, e especialização em Sociologia, Política e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁴⁴ Informação retirada do Portal Geledés, na matéria '**A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil**', diz ONU ao lançar campanha contra violência: <https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contraviolencia/?gclid=Cj0KCQiA99ybBhD9ARIsALvZavWfHynwwXKro8bjzSqqidBe8CXe5488_Dz3ZOz9l5CyNuW1rE2X9OkaAqeUEALw_wcB>. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

⁴⁵ Entendemos identidade como apresentado por Stuart Hall sendo o: [...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. HALL, Stuart. Quem precisa

se encontra em uma base de currículo pós-crítica⁴⁶ e tenta auxiliar para que esses alunos se vejam como sujeitos pertencentes e atuantes a uma história, tanto de suas próprias vidas, quanto de suas famílias e sociedade. Empoderando histórias e passados que por muitas vezes são historicamente marginalizados. Mostrando a possibilidade de apropriação desse passado e, também, construindo o entendimento das estruturas que fizeram essas histórias, culturas e conhecimentos serem marginalizados.

Por fim, a sala de aula levantou questões tanto raciais quanto sociais que estão latentes em nossa sociedade nos dias de hoje. Muitas delas ficam mais evidentes no retorno que tivemos de diversos alunos. Abaixo, destacamos algumas delas nas transcrições correspondentes as figuras 5; 6; 7, 8 e 9 presentes em anexo. Optamos por não identificar os educandos que participaram da atividade, a fim de permitir a eles que pudessem se expressar mais livremente, sem a preocupação em serem "taxados" ou "rotulados" pelos demais colegas da turma.

Cabeça- Minha cabeça se preocupa bastante com o futuro; No momento quero seguir muito na carreira de POLICIAL RODOVIARIO FEDERAL, conseguir meu próprio dinheiro e ter minha independência. Quero planejar minhas viagens ao lado da[sic] pessoas que mais amo, dar conforto a minha família e poder servir de exemplo para outras crianças. Não quero precisar me preocupar com dinheiro.

Coração- Sempre me identifiquei como PRETA, mesmo muitos me falando que sou morena, parda etc... Sobre tipos de música, me considero uma pessoa bem eclética, eu escuto de tudo. Sou uma pessoa divertida JURO!!!

Pele- Muitos me chamam de parda ou morena; infelizmente nossa cor ainda não é muito aceita, eu mesma demorei pra aceitar, minha cor, meus cachinhos, minhas feições e traços.

(Transcrição 1 referente à Fig.5. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.)

de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.111-112.

⁴⁶ Silva e Santos definem currículo pós-crítico como: [...] uma possibilidade de se construir outras verdades, outras maneiras de se conceber o mundo, a realidade, o conhecimento, a vida. Nesse sentido, faz-se necessário pensar em um currículo inovador, comprometido com as diferenças culturais, com a formação de cidadãos críticos, autônomos e criativos. [...] destacando a diferença do mundo contemporâneo, onde nenhuma cultura pode ser julgada superior a outra, demonstrando que o currículo não é algo neutro, mas sim, exerce um papel social, cultural, ideológico e político. SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa & DOS SANTOS, Raquel Amorim. O currículo pós-crítico: uma experiência na escola de ensino fundamental em vitória/es. **Nova revista amazônica**, v. 8, n. 2, p. 195-209, 2020. p.196.

Cabeça- Pretendo trabalhar como professora universitária[sic] de psicologia.

Coração- Me considero parda apesar de não concordar muito com o termo, pretinha de pele clara. Gosto de ouvir rap, mpb, pagode, etc... meu cabelo é cacheado, moro no subúrbio.

Pele- me definem as vezes como branca, as vezes como preta, ou moreninha, já fui seguida em lojas por seguranças apesar da minha pele clara.

(Transcrição 2 referente à Fig.6. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.)

Cabeça -> Eu pretendo trabalhar no meio esportivo e gostaria de morar aqui no Rio mesmo, porém gostaria e conhecer novas culturas.

Coração -> Eu sou carica[sic], atualmente moro no subúrbio. Eu sou bem eclético, mas ultimamente tenho ouvido rap e trap.

Pele -> Me definem como moreno. Vejo sim pessoas como eu na TV. Em relação a polícia, não sei como me enxergam, mas já fui ao shopping depois da escola e os seguranças seguiram eu e meus amigos.

(Transcrição 3 referente à Fig.7. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.)

Cabeça- eu pretendo casar com meu namorado, ter dois filhinhos, morar em uma casa grande ele realizar o sonho ele de ser jogador de futebol e eu realizar o meu sonho de ser modelo e ser feliz.

Coração- eu me identifico, negra, linda, gostosa, (não identificado). gosto de quase todos os gêneros musicais mas gosto muito de rap, poesia acústica e pagodim[sic].

Pele- as pessoas me veem como patricinha, metida que vai engravidar cedo e dar trabalho para a mãe. me veem também linda. mas alguns me veem como uma pessoa fofa, estilosa, alguns me chamam de modelinho.

(Transcrição 4 referente à Fig.8. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.)

A cabeça- Bom, no futuro eu me vejo sendo jogadora da seleção, morando fora, dando tudo de bom e do melhor para minha família...

O Coração- Sou uma mulher negra, sou carioca favelada, gosto de ouvir todo tipo de música, gosto de jogar bola com amigos (as), é assim que me vejo.

A pele- Bom, as pessoas me enxergam[sic] como uma mulher preta, as pessoas antes de me conhecer me acham, metida, nojenta, debochada... as pessoas não acreditam quando eu falo que quero ser jogadora, falam para mim ir lavar-louça, estudar...

(Transcrição 4 referente à Fig.9. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.)

Além das questões apresentadas nos retornos discentes, que envolvem perseguições coercitivas, comentários sexistas e problemas com a aceitação - devido às formas como nosso país lidava e ainda lida (em partes) com nossas questões

raciais -, também pudemos perceber que era recorrente que os educandos levantassem questionamentos tais como: "Professor, eu sou preto(a)?"; "Eu não sei qual a minha cor."; "Meu pai é negro e minha mãe branca, então eu sou o que?". Essas e muitas outras são perguntas difíceis de responder, ainda mais tendo em vista a dificuldade e falta de tempo que se tem para abordá-las em sala de aula. Contudo, o espaço escolar é essencial para lidarmos com essas questões, pois é através do currículo que escolhemos que sociedade almejamos ter. Além disso, questões raciais e sociais foram invisibilizadas por muito tempo, através de um currículo que apontou por muito tempo o embranquecimento como solução, algo que fica evidente na pesquisa apresentada por Jerry Dávila em seu livro *Diploma de Brancura: Política Social e Racial no Brasil 1917-1945*⁴⁷:

Os chamados pioneiros educacionais do Brasil transformaram as escolas públicas emergentes em espaços em que séculos de suprematismo branco-europeu foram reescritos nas linguagens da ciência, do mérito e da modernidade. As escolas que eles criaram foram projetadas para imprimir sua visão de uma nação brasileira ideal, naquelas crianças sobretudo pobres e não brancas que deveriam ser a substância daquele ideal⁴⁸.

Mesmo tendo passado mais de setenta anos do recorte de pesquisa apresentado por Dávila no livro supracitado, ainda sim, muito do que foi estabelecido durante este período permanece até hoje, pois foram gerações inteiras que se formaram por meio de um currículo que entendia o branco-europeu como possibilidade única de ser e estar no mundo. Isto fica evidente ao observarmos quais músicas geralmente são levadas para tocar nas escolas, quais poemas e obras de arte costumam ser apresentados nas provas e livros didáticos e a forma de se portar e vestir que são exigidas no cotidiano escolar. Sendo assim, nossa intervenção didática almeja subverter todas essas questões postas anteriormente.

Os ambientes não escolares pelos quais passamos nos possibilitaram de certa forma uma avaliação direta de nossos pares. Outros professores e pensadores de diferentes lugares do Rio de Janeiro tiveram acesso a nossa proposta e indicaram propostas e caminhos para qual seguir com nossa atividade. A apresentação no MAR foi um ambiente de muito acolhimento e reverberação de práticas escolares

⁴⁷ DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura: Política Social e Racial no Brasil 1917-1945**. São Paulo: UNESP, 2006.

⁴⁸ *ibidem*. p.24.

realizadas em diferentes lugares, mas com o mesmo intuito, de valorizar as identidades pretas em sala de aula. Na Semana de Educação da UNIRIO tivemos a possibilidade de apresentar e receber o “feedback” dos ouvintes inscritos, os quais também foram muito bons e possibilitaram uma discussão referente a importância de atividades como essa estarem rodando nas salas de aula nos dias de hoje.

Geralmente, enquanto educadores, temos diversas dificuldades em lidar com questões identitárias e/ou invisibilizadas em sala de aula, seja por falta de apoio da comunidade escolar, seja por falta de tempo ou até mesmo falta de preparo para lidar com esses temas. Contudo, não podemos deixar de tentar. Através de proposições como essa e muitas outras conseguimos resistir, subverter e “brincar” um pouco por meio das frestas que se criam neste sistema tão rígido que dificulta a todo tempo a prática docente que visa encarar questões de raça, classe e/ou gênero.

Considerações finais

Pode-se entender que ao longo do tempo diversos corpos negros passaram por repressões no intuito de docilizar⁴⁹ estes corpos para que pudessem se adequar a padrões impostos. Aqueles que não se adequam ao padrão e insistem em manifestar suas culturas, em geral sofrem algum tipo de medida disciplinadora, como reformatórios, cadeias, instituições manicomiais ou são empurrados para a margem da sociedade. Por exemplo, o funk que hoje é visto por muitos como algo associado ao crime⁵⁰, muitos veem no estilo de vestimenta, cabelo e adereços, ou nas músicas e danças, prerrogativas suspeitas ou criminosas, tal como no passado o samba também era associado e hoje é aclamado.

Determinadas formas de se expressar costumam carregar estereótipos que se pretendem combater em sala de aula, mostrando que a cultura negra tem uma história muito diversa e cremos que por intermédio do conhecimento é possível superar o preconceito; compreendendo assim que a cultura africana e afrodiáspórica

⁴⁹ Foucault define corpos dóceis como: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.”. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002. p.118.

⁵⁰As notícias referentes ao caso são: “**MC’s de sucesso são alvos de operação da polícia de SP contra tráfico de drogas**” de 25 de março de 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/mcs-de-sucesso-sao-alvos-de-operacao-da-policia-de-sp-contr-trafico-de-drogas-24940884.html>> Acessada em: 09/06/2021; “Sugestão de tornar o funk uma manifestação criminosa é rejeitada” de 09 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/09/20/sugestao-de-tornar-o-funk-uma-manifestacao-criminosa-e-rejeitada>>. Acessada em: 09/06/2021.

é muito mais que "fome é macumba". Ela é bela, riquíssima, forte e viva até hoje. Propomos apresentar melhor os símbolos na sala de aula, para que quando o discente escutar sobre Oxum, Maat, Sankofa, Candomblé, ou mais, ele não tenha uma visão rasteira referente ao que pode ser e, sim, que ele entenda as diversas camadas do que de fato é, por exemplo, a alusão a Orixá Oxum que vai além do campo religioso, perpassa pelo campo simbólico e reflexivo, no qual o espelho retoma ao autoconhecimento e assim por diante; ou quando ele escutar algo referente a Maat egípcia ele entenda que ainda estamos falando de uma deusa africana, mas ao mesmo tempo falando sobre algo além, como ética e moral, por exemplo. Espera-se que assim este discente possa ver que a pluralidade cultural africana é gigantesca. Com isso, entende-se que o videoclipe em análise é muito enriquecedor já que trás uma gama de discussões e possibilidades a serem questionadas e apresentadas.

Sendo assim, nossa proposta de intervenção pedagógica pretende que o educando consiga identificar que símbolos ele carrega, quais culturas o cercam e de que forma ele as manifesta, como ele se entende e é reconhecido socialmente, e quais problemas isso trás ou não. Por fim, nosso entendimento é que nós enquanto sociedade devemos cada vez mais praticar a aceitação de diferentes formas de se manifestar culturalmente; e que o corpo negro não deve ser docilizado, ou embranquecido culturalmente para ser aceito; e, por fim, que este corpo, com cabelo, roupas, adereços e estilos sejam qual for, não vale menos que qualquer outro. Um de nossos papéis enquanto educadores é superar os estigmas históricos associados às manifestações culturais negras e estimular o confronto de ideias por meio da educação. Um caminho para isso são mais aulas com conteúdos antirracistas, antissexistas e que estimulem reflexões e questionamento, o que além de gerar conhecimento tornará os discentes em cidadãos conscientes das desigualdades do mundo e na sua agência na estrutura social.

Referências

Fontes

REBECCA, Elza Soares. **A Coisa Tá Preta (Clipe Oficial)**. Direção de Felipe Thomaz. Produção de Beatriz Leirinha. Realização de Sony Music Entertainment. Intérpretes:

Mc Rebecca & Elza Soares. Roteiro: Jonathan Raymundo. Música: A Coisa Tá Preta. 2020. (3 min.), Vídeo Clipe, son., color. Série A Coisa Tá Preta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aiKdLiic0wU&lc=UgyOLS6QqFYQqv94PE54AaABA>. Acesso em: 4 de junho de 2021.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Wlamyra. "A vala comum da 'raça emancipada'": abolição e racialização no Brasil, breve comentário. **Revista História Social**, n. 19, UNICAMP, 2010.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; DUPRET, Leila. "Entre Atabaques, Sambas e Orixás". **Revista Brasileira de Estudos da Canção** - ISSN 2238-1198, v. v.1, ed. n.1, p. 52-63, Natal, 2012.

AZEVEDO, Amaílton Magno. "Samba: um ritmo negro de resistência". **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, p. 44-58, Brasil. ago 2018.

BASTOS, Élide Rugai. **A questão racial e a revolução burguesa**. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes. (p. 140-150) .Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo. Vol 2: A Experiência Vivida**. Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 de janeiro 2022.

BRASIL, Eric. Moysés Zacharias: carnaval, cidadania e mobilizações negras no Rio de Janeiro (1900-1920). In: ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, B. (Org.). **Cultura negra: trajetórias e lutas de intelectuais negros**. Niterói: Eduff, 2018.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. "Reflexões sobre corpo e musicalidade nas experiências da religiosidade afro-brasileira". **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XI, n. 31, p. 43-64 - ISSN 1983-2850, Maringá, mai - ago 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

_____. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura: Política Social e Racial no Brasil 1917-1945**. São Paulo: UNESP, 2006.

DOS SANTOS, Myriam Sepúlveda. "A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana". **Revista TOPOI**, v. 5, n. 8, p. 138-169. Rio de Janeiro, jan - jun 2004.

- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia e autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 875-893, dez. 2011.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. "A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social". **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988.
- GOMES, Nilma. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. São Paulo, **Revista Perseu**. n. 17, 2019.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: **UFMG**, 2003.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias Africanas: Uma introdução**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MELLO E SOUZA, Marina de. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. In: **Revista História. Hoje**, v. 1, nº 1, p. 17-28 – 2012.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ªed. – 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- OLIVEIRA, Marina Garcia de. Metodologias Ativas no Ensino de História: um Caminho para o Desenvolvimento da Consciência Crítica. In: **Metodologia ativa na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.
- OYĚWÙMÍ, O. "Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects". In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa & DOS SANTOS, Raquel Amorim. O currículo pós-crítico: uma experiência na escola de ensino fundamental em vitória/es. **Nova revista amazônica**, v. 8, n. 2, p. 195-209, 2020.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. MAUAD, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1998.

_____. **Uma lógica perversa de lugar.** ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018.

Recebido em: 21/02/2023

Aprovado em: 21/03/2023

ANEXOS

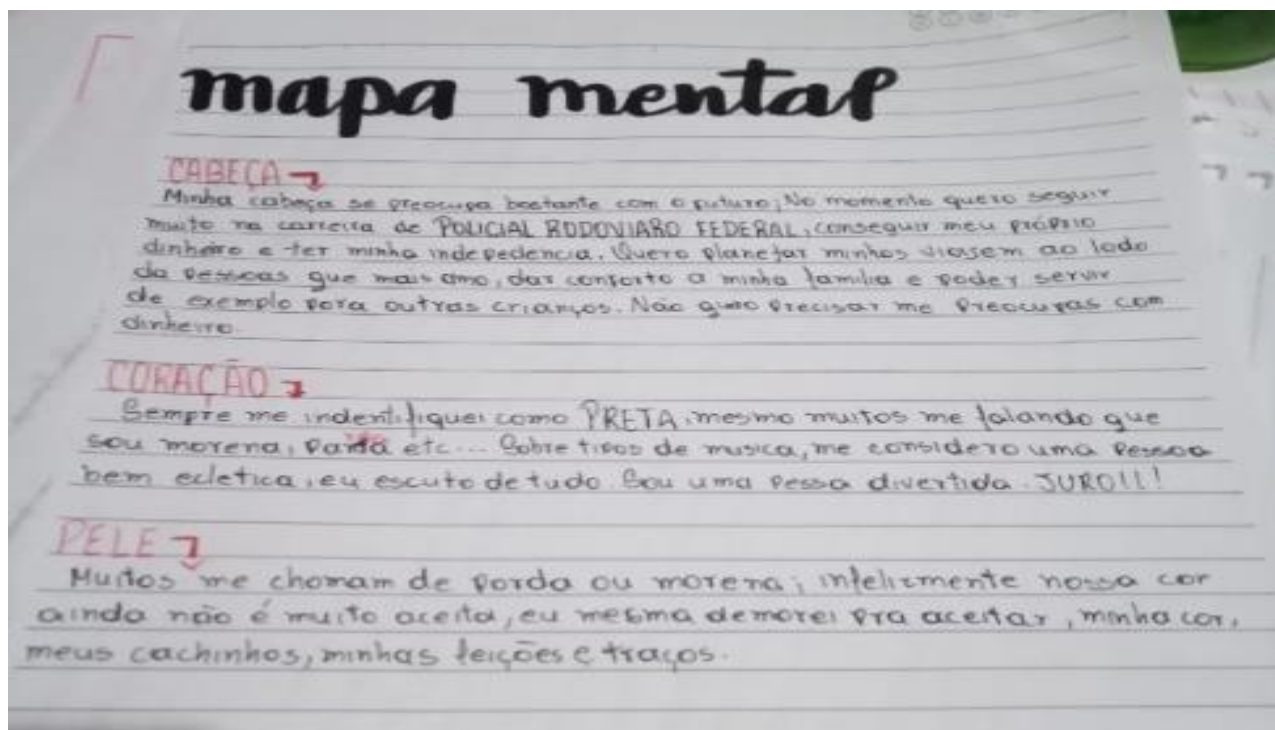


Fig.5. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.

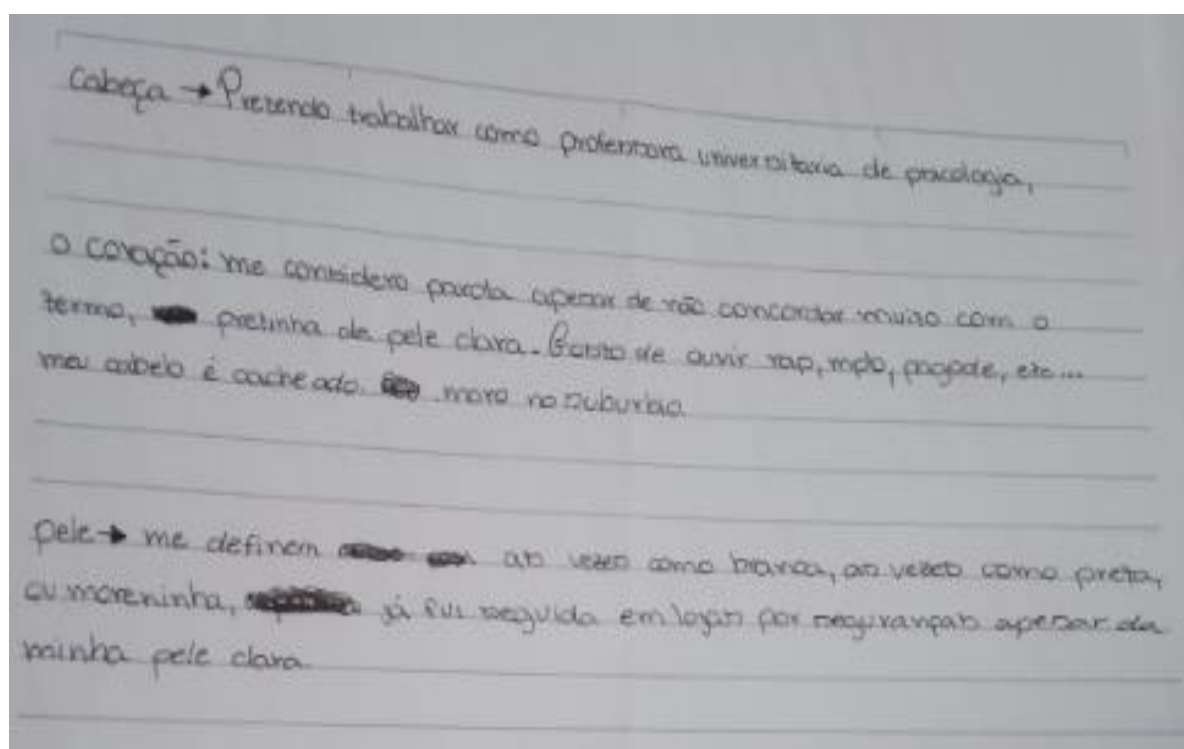


Fig.6. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.

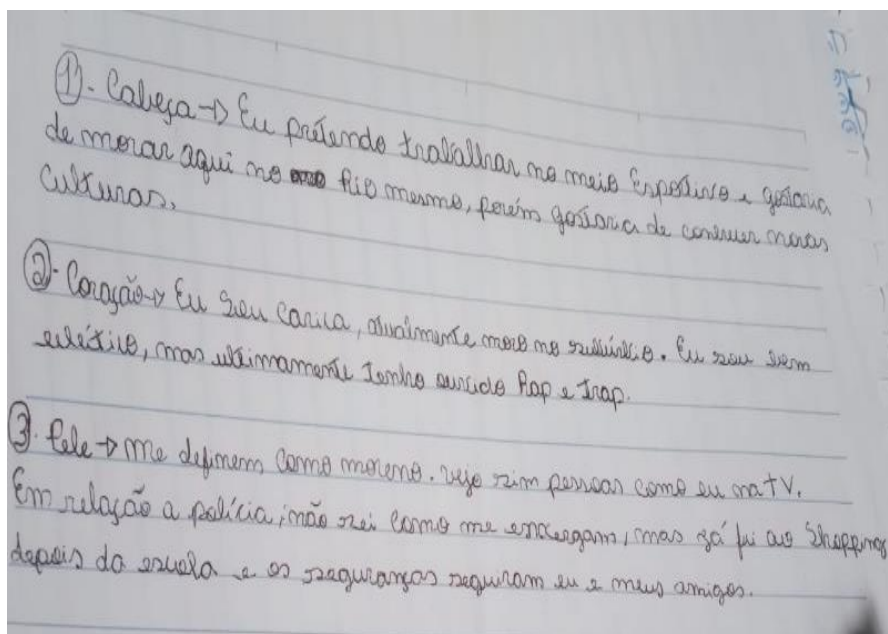


Fig.7. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.

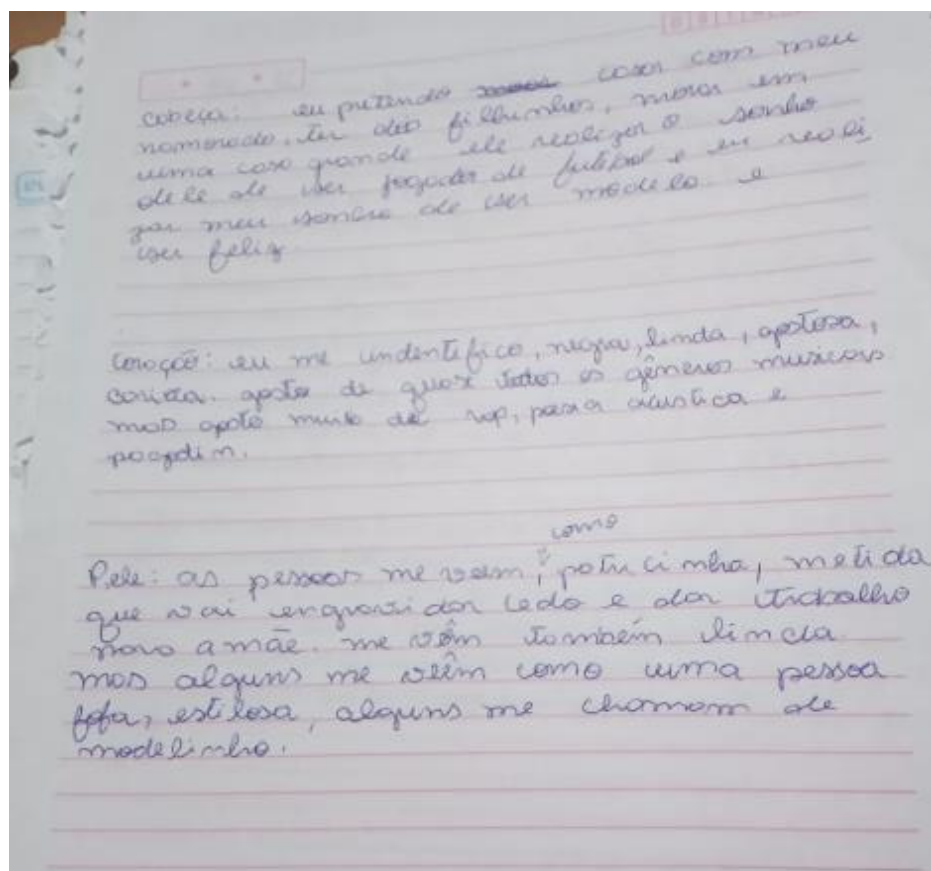


Fig.8. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M.

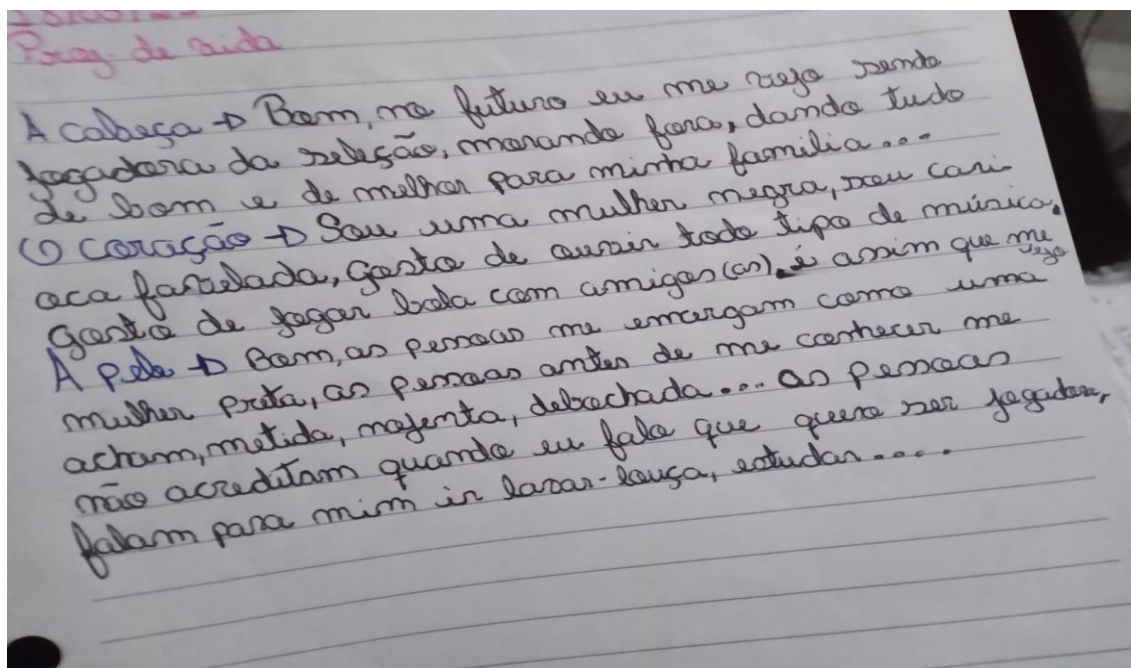


Fig.9. Mapa Mental de educando(a) da 3ª. Série do E. M